

# Literatura e teatro mediados pela filologia editorial

*Literature and theater mediated by editorial philology*

Rosa Borges\*

Universidade Federal da Bahia,  
Salvador, Bahia, Brasil

**Resumo:** No campo da Filologia em diálogo com outros saberes, o filólogo-editor, como mediador editorial e intérprete, tem se ocupado da edição e crítica filológica de textos que integram nosso patrimônio cultural escrito, valendo-se das práticas da crítica textual, genética e sociológica, apresentando produtos editoriais variados em suporte papel, informático e/ou em rede. Nosso objetivo é, através da atividade editorial, fazer representar uma literatura local, regional, constituída dos nomes que formam o corpo de literatos e dramaturgos na Bahia e, conseqüentemente, contribuir com seus registros nos campos da Literatura e Dramaturgia no Brasil. Nessa direção, o filólogo-editor cumpre seu papel de mediador e crítico no exercício da crítica textual e de suas metodologias na contemporaneidade, dando a conhecer os processos de produção e transmissão dos textos, proporcionando informações sobre a história do texto e de sua recepção ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Crítica Textual. Mediação editorial. Literatura. Dramaturgia.

**Abstract:** In the field of Scholarly Edition, in dialogue with other knowledge, the editor of scholarly editions who is also an editor, acting as an editorial mediator and interpreter, has been involved in the editing and textual criticism of texts that compose our written cultural heritage, using the practices of textual, genetic and sociological criticism to present a variety of editorial products in paper, computer and/or online media. Our goal is, through the editorial activity, to represent a local or regional literature, made of the names that constitute the body of the literate and playwrights in Bahia and, consequently, to contribute with their records in the fields of Literature and Dramaturgy in Brazil. In this direction, the editor of scholarly editions who is also an editor fulfills his role as mediator and critic in the exercise of textual criticism and its methodologies in contemporaneity, making known the processes of production and transmission of texts, providing information about the history of the text and its reception over the time.

**Keywords:** Textual Criticism. Editorial mediation. Literature. Dramaturgy.

## 1 INTRODUÇÃO

No trabalho que desenvolvemos na Universidade Federal da Bahia no Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET), buscamos explorar a relação entre Literatura e Teatro, no campo da Filologia, que se ocupa da edição e crítica filológica de textos que integram nosso patrimônio cultural escrito, nesse caso em particular, dos textos dramáticos produzidos no período da ditadura militar (1964-1985), sobretudo a partir das ações e gestos de leitura resultantes da mediação do filólogo-editor que, por meio de suas práticas, compromete-se, de certa forma, com a construção de uma identidade cultural para a literatura e dramaturgia baiana e brasileira. Esclareço que o objetivo, aqui, não é de formalizar uma História da Literatura canônica, mas o de fazer representar uma literatura local, regional, constituída de todos os nomes, se possível, que formam o

\* Doutora em Letras e Linguística e professora titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: borgesrosa66@gmail.com.

corpo de literatos e dramaturgos na Bahia e, conseqüentemente, contribuir com seus registros nos campos da Literatura e Dramaturgia no Brasil.

Durante muito tempo, a Filologia esteve comprometida em suas práticas com ideais de pureza, originalidade, cânone, mas, felizmente, discussões importantes desenvolvidas na segunda metade do século XX, no campo da Bibliografia Material/Sociologia dos Textos e da Crítica Genética, afetaram a prática filológica editorial, fazendo-nos repensar a edição crítica de textos, o projeto editorial, os interesses do filólogo-editor, dentro de uma ética de leitura. Nosso papel mostra-se coerente com as práticas humanísticas e revela nossa atitude crítica diante do objeto texto e nosso lugar no mundo como sujeito que produz as leituras e edições que fazem circular as produções de nossos escritores e dramaturgos.

Assim, as mudanças que se registraram ao longo do tempo, no que concerne às noções de texto, autor e obra, atualizaram as práticas da crítica textual (LOURENÇO, 2009; SACRAMENTO DE SOUZA, 2014; CORREIA, 2018). Tais mudanças levam em conta “[l]a idea de que un texto no accede verdaderamente a la existencia si un lector no se apropria de él [...]” (CHARTIER, 2005, p. 14 *in* MCKENZIE, 2005[1999])<sup>1</sup>. É o leitor responsável por atribuir sentido ao que lê e se torna elemento expressivo na construção da significação, sendo a materialidade dos textos um aspecto da produção de sentidos, fazendo com que as leituras variem historicamente de acordo com as condições materiais. Tal aspecto faz-se importante para o estudo da produção de um texto, bem como para traçar a história de sua recepção. O texto está sempre sujeito à mediação de outras autoridades que não são o próprio autor, passa sempre por outras mãos, do copista, do tipógrafo, do editor, entre outros (CHARTIER, 2002) e é produzido em determinado tempo, lugar e contexto histórico, logo todos os sujeitos envolvidos nesse processo são históricos.

Quando trabalhamos com literatura e teatro, mediados pela filologia editorial (crítica textual), levamos em conta não a interpretação do sentido que uma obra tenha, mas sua manifestação física, o texto, fixado pela atividade editorial em suas diversas formas de apresentação e que se faz expressivo para quaisquer estudos que possam ser desenvolvidos, pois como afirma Sol Tlachi (2009, p. 141-142), “[e]n tanto objeto ideal, toda obra literaria es única; en relación con su materialidad, es múltiple.”<sup>2</sup> Interessa-nos, portanto, todos os textos, tomados para estudo em seus testemunhos e versões. No terreno da Filologia, buscamos examinar o texto como resultado de uma trama que se faz a partir das relações estabelecidas com outros textos (na acepção trazida por McKenzie (2005[1999]))<sup>3</sup>, produzindo novos sentidos, e de sua transformação através do tempo.

<sup>1</sup> “[a] ideia de que um texto não existe verdadeiramente se um leitor não se apropria dele [...]” (CHARTIER, 2005, p.14 *in* MCKENZIE, 2005[1999], tradução livre).

<sup>2</sup> “[e]nquanto objeto ideal, cada obra literária é única; em relação à sua materialidade, é múltipla.” (SOL TLACHI, 2009, p. 141-142, tradução livre).

<sup>3</sup> “Entiendo por ‘textos’ los datos verbales, visuales, orales y numéricos en forma de mapas, impresiones y música, archivos de grabación de sonido, de película, videos e información computarizada; de hecho, todo desde la epigrafía a las últimas formas de discografía. No es posible ignorar el reto que supone estas nuevas formas.” (MCKENZIE, 2005[1999], p. 31).

Desse modo, a crítica textual, por meio da edição e crítica filológica de textos, possibilita o trabalho com a história e teoria da literatura e com os estudos da recepção do texto, considerando sua sociologia.

Assumindo o compromisso com o resgate de nossa cultura, com vistas a explorar a diversidade de pensamento que se produz no Brasil, o filólogo diversifica o cenário literário canônico que insiste em uma identidade nacional, e procura investir em outras literaturas, outros escritores, outras histórias que foram, muitas vezes, silenciadas ou esquecidas. Segundo Clark de Lara (2003), na perspectiva do que chamou filologia literária, o filólogo, para além da edição de textos, recentemente transformada em sua teoria e prática críticas,

[...] estudia diferentes aspectos de un texto, por ejemplo: la apreciación de lo propiamente literario; o bien las relaciones de la obra literaria con las redes interdisciplinarias manifestadas en un contexto; o análisis de obras dentro de uno o varios marcos teóricos, entre otros (CLARK DE LARA, 2003, p. 120).<sup>4</sup>

Nessa direção, o filólogo cumpre seu papel de mediador editorial e crítico no exercício da crítica textual na contemporaneidade.

## 2 A CRÍTICA TEXTUAL COMO METODOLOGIA PARA APRESENTAÇÃO DA DRAMATURGIA E LITERATURA

Nosso trabalho se realiza inicialmente tomando em conta o conhecimento da tradição e transmissão textuais, nos contextos de produção, circulação e recepção que envolvem os textos selecionados para a edição e estudo crítico-filológico. Em nossa prática, trazemos, conforme metodologia da crítica textual, os fac-símiles que expõem as características aproximadas do documento que divulga o texto; depois, realizamos a descrição física dos materiais reunidos na etapa da *recensio*, os textos (testemunhos-documentos-monumentos). A seguir, realizamos a transcrição dos testemunhos tomados para o cotejo (*collatio*) e, a partir de então, observamos as alterações genéticas e textuais resultantes do processo de transmissão. No entanto, devemos considerar que, no exercício de edição e crítica filológica, o paratexto e o prototexto são de grande importância nos estudos interpretativos a serem desenvolvidos e orientam a prática filológica editorial (BORGES, 2020).

No estudo de textos modernos na contemporaneidade, a Crítica Genética e a Sociologia dos Textos, no campo das Humanidades Digitais, alinhadas à Filologia, têm produzido mudanças significativas na metodologia da edição de textos. Diante da diversidade de materiais que estão em nossos acervos literários e dramáticos e que caracterizam a transmissão de um texto, como rascunhos, diários, cadernetas de anotações

---

<sup>4</sup> [...] estuda diferentes aspectos de um texto, por exemplo: a valorização do que é propriamente literário; ou ainda as relações da obra literária com as redes interdisciplinares manifestadas em um contexto; ou análise de obras dentro de um ou vários referenciais teóricos, entre outros (CLARK DE LARA, 2003, p. 120, tradução livre).

etc. (genéticos), ou ainda, como publicações, correspondência, entrevistas etc. (documentação paratextual), e da nova textualidade (hipertexto), a edição de textos vai se modificando, e, por meio das modalidades da crítica textual, genética e sociológica, apresenta produtos variados em suporte papel, informático (CD-Rom, DVD, *pen drive*) ou em rede (*website*).

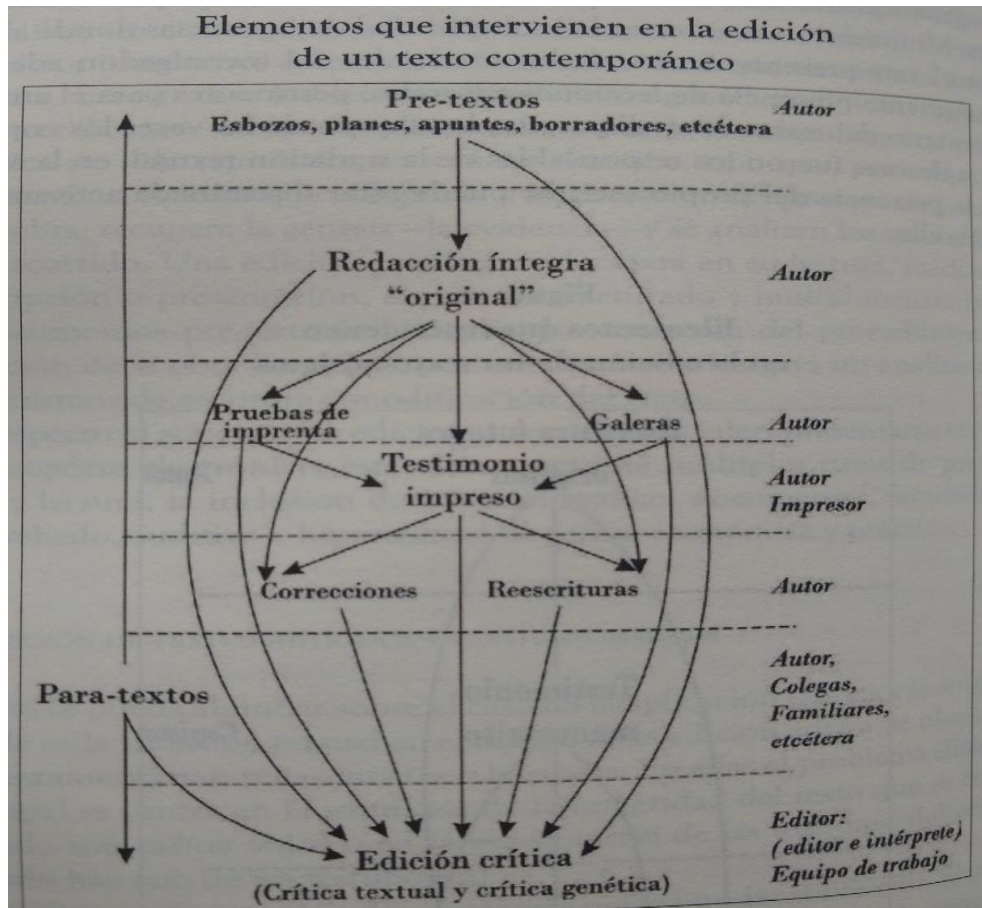
A crítica textual tem por objetivo apresentar um texto, estabelecido conforme as normas adotadas pelo filólogo-editor, em única forma (princípio da unicidade) ou em múltiplas formas (princípio da variabilidade), de acordo com as vertentes editoriais, teleológica (platônica) ou pragmática (sociológica) (KASTAN, 2001; CHARTIER, 2010; BORGES et al., 2012), e as intenções do filólogo-editor (BORGES, 2020). Tais vertentes orientam a construção de diferentes produtos editoriais: edição fac-similar, diplomática, interpretativa, crítica, sinóptico-crítica, genética, edição eletrônica/digital (arquivo hipertextual/hiperedição), embora não sejam a justificativa para uma classificação das edições empreendidas. No campo da crítica textual genética, interessa mostrar o processo de criação, a gênese da escritura, enquanto para a crítica textual social (ou sociológica), evidenciam-se os gestos de escrita de um texto e os gestos de publicação que resultam da mediação editorial, das ações dos agentes sociais e culturais que deixam na materialidade do texto suas marcas.

O percurso metodológico da crítica textual moderna, genética e social, passa pela montagem do dossiê (arquivístico e/ou genético), organização e classificação dos materiais selecionados, descrição física, transcrição dos testemunhos, identificando as rasuras e os gestos provenientes das ações dos vários sujeitos que colaboram com a produção da obra (processos da gênese textual) ou com sua publicação (processos da recepção), seguidos da edição e interpretação de tais materiais que constituem a massa documental que transmite o texto a ser editado. Vejamos a Figura 1 trazida por Israel Ramírez (2009, p. 226), por meio da qual, explica o “[...] curso de la crítica textual aplicada a las obras contemporáneas [...]”, que busca conjugar “[...] trabajos textológicos y genéticos”.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> “[...] curso de la crítica textual aplicada às obras contemporâneas [...]”, que busca conjugar “[...] trabalhos textológicos e genéticos” (RAMÍREZ, 2009, p. 226, tradução livre).

Figura 1 – Síntese dos elementos que intervêm na edição de um texto contemporâneo



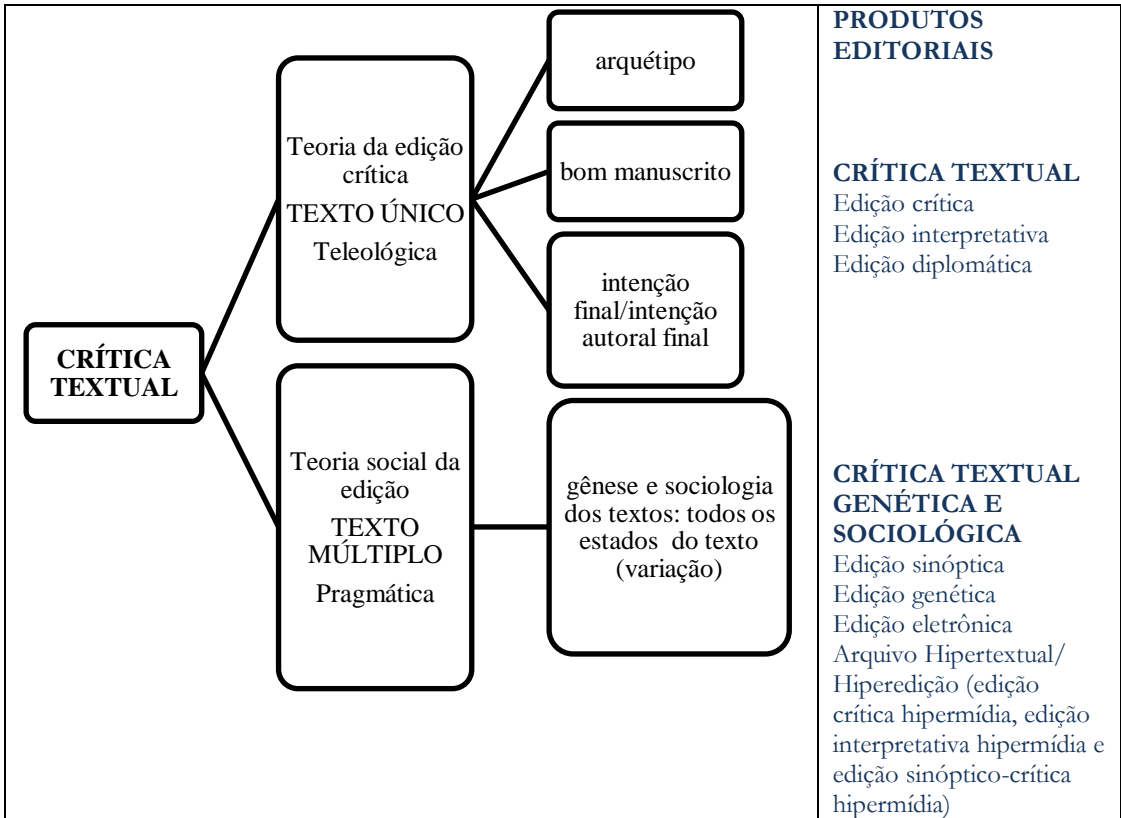
Fonte: RAMÍREZ, 2009, p. 226.

Desse modo, para além da relação aqui apresentada por Ramírez (2009) entre crítica textual e crítica genética, devemos estender tal relação para a sociologia dos textos, considerando que a crítica textual se apresenta em outro modo de fazer, defendido por McGann (1992[1983]), McKenzie (2005[1999]), e outros estudiosos, quanto a uma teoria social da crítica textual, “na qual toda a história de uma obra literária – da composição à recepção e além – fica dentro do escopo do estudo textual” (McGANN, 1992, p. 8-9 apud MAcNEIL, 2018, p. 167). Baseando-se em McGann, Leah Marcus (1996) chama atenção para a mudança na edição de textos literários por parte dos críticos textuais modernos: em vez de textos idealizados, buscam-se textos historicizados, e declaram sua “preferência pela variabilidade sobre a fixidez do significado” (MARCUS, 1996, p. 16-17 apud MAcNEIL, 2018, p. 168), reforçando, desse modo, a teoria social da edição de textos.

Nessa direção desenvolvemos nossa prática filológica, fazendo conexões entre os saberes característicos de uma teoria da edição crítica que busca o texto único, representativo da última vontade estética de seu autor, mas, sobretudo, que investe em

uma teoria social da edição, voltada para o texto múltiplo, historicizado, variável e instável, que traz, porém, a história de sua transmissão e recepção (BORGES, 2020). Embora devamos esclarecer que, em nossa prática de edição, mesmo que se estabeleça um texto, ele não será o centro para o qual convergem todos os testemunhos e versões, mas um centro provisório, por estratégia de leitura e crítica (BORGES; SACRAMENTO DE SOUZA, 2012). Na Figura 2, exibo uma síntese das teorias e dos métodos editoriais, bem como dos produtos gerados com a edição de textos.

Figura 2 – Síntese das teorias, dos métodos e produtos editoriais



Fonte: Borges, 2020, p. 790.

Tais produtos editoriais resultaram das teorias e metodologias apresentadas no âmbito da Universidade Federal da Bahia, em trabalhos acadêmicos por mim desenvolvidos ou sob minha orientação. Nos arquivos e acervos que consultamos e dos quais fizemos a cópia fotográfica e digitalizada dos materiais para compor o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC) e também o Acervo de Escritores Baianos (com destaque, nessa fase do projeto, para as produções de Judith Grosmann e Ildásio Tavares), estão os textos que nos permitem falar de escritores, dramaturgos, quem são e como se construíram como agentes da cena literária e dramática na Bahia e no Brasil. Até o

momento, trabalhamos com as produções de treze dramaturgos, dois deles do Rio de Janeiro, Fernando Melo e Roberto Athayde, conforme se pode ver no Quadro 1.

Quadro 1 – Relação de dramaturgos e textos editados e estudados

DRAMATURGOS	TEXTOS EDITADOS E ESTUDADOS
1. Ademario Ribeiro	<i>Cenas na Ceia ou Rítual do cotidiano</i> <sup>6</sup>
2. Amador Amadeu (Rogério Menezes) – Grupo de teatro que atuou no período de 1975 a 1978	<i>Pau e Osso S/A</i> <sup>7</sup>
3. Antônio Cerqueira (1961)	<i>Malandragem made in Bahia</i> <sup>8</sup>
4. Ariovaldo Matos (1926-1988)	<i>A Escolha ou O Desembestado Irani ou As Interrogações</i> <sup>9</sup>
5. Bemvindo Sequeira (1947)	<i>Me segura que eu vou dar um voto</i> <sup>10</sup>
6. Cleise Mendes (1948)	<i>Cândido ou O Otimismo – o herói de todo caráter</i> (edição genética (fragmentos)) <sup>11</sup>
7. Deolindo Checcucci (1949)	<i>A Bela e a Fera A Galinha dos ovos de ouro A Roupa nova do rei Julinho contra a bruxa no espaço</i>

<sup>6</sup> Texto publicado no livro *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a Literatura, a História e o Teatro*, organizado por Rosa Borges dos Santos (2012), disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26433>.

<sup>7</sup> Cf. *Edição e Crítica Filológica de Pau e Osso S/A do Amador Amadeu: o teatro amador em cena*, por Carla Ceci Rocha Fagundes (2014), disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25528>.

<sup>8</sup> Cf. *Edição de texto e estudo da linguagem proibida em Malandragem made in Bahia*, de Antonio Cerqueira, por Williane Silva Corôa (2012), disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10829>.

<sup>9</sup> Cf. *Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou As interrogações*, de Ariovaldo Matos: leitura filológica do arquivo e edição do texto, disponível em: <http://www.ppglitcult.letras.ufba.br/>, e *Filologia e Arquivística em tempos digitais: O arquivo hipertextual e as edições de A Escolha Ou O Desembestado* de Ariovaldo Matos, por Mabel Meira Mota (2012; 2017).

<sup>10</sup> Cf. *Bemvindo Sequeira e a cena política nas tramas de Me segura que eu vou dar um voto: edição e crítica filológica do texto teatral*, por Hugo Leonardo Pires Correia (2014), disponível em: <http://www.ppglitcult.letras.ufba.br/>.

<sup>11</sup> Cf. *Os manuscritos de Cândido ou O Otimismo – o herói de todo caráter, uma adaptação de Cleise Mendes: leituras do processo de criação e proposta de edição genética*, disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8476>, e *O manuscrito autógrafo e suas rasuras: autoria, subjetividade e edição*, disponível em <http://www.ppglitcult.letras.ufba.br/pt-br/node/411> por Eduardo Silva Dantas de Matos (2011; 2014). Para este texto, dispomos apenas da edição fac-similar.

	<i>Um dia, um sol</i> <i>Um, dois, três alegria</i> <sup>12</sup>
8. Fernando Melo (1945)	<i>Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá</i> <sup>13</sup>
9. Francisco (Chico) Ribeiro Neto	“ <i>Em Tempo</i> ” no palco <sup>14</sup>
10. João Augusto (1928-1979)	<i>A Chegada de Lampião no inferno</i> <i>Antônio, meu santo</i> <i>As bagaceiras do amor</i> <i>Felismina Engole-Brasa</i> <i>O exemplo edificante de Maria Nocaute ou Os valores do homem primitivo</i> <i>O marido que passou o cadeado na boca da mulher</i> <i>Quem não morre num vê Deus</i> <sup>15</sup>  <i>Quincas Berro d'Água</i> <sup>16</sup>  <i>História da Paixão do Senhor</i> <sup>17</sup>
11. Jurema Penna (1927-2001)	<i>Auto da barca do rio das lágrimas de Irati</i> <i>Bahia livre exportação</i> <i>Iemanjá – rainha de Aiocá</i> <i>Negro amor de rendas brancas</i> <i>O bonequeiro Vitalino ou Nada é impossível aos olhos de Deus e das crianças</i> <sup>18</sup>

<sup>12</sup> Cf. *Deolindo Checucci e o teatro infantil baiano no contexto da ditadura militar: arquivo, edição e estudo crítico-filológico*, por Carla Ceci Rocha Fagundes (2019).

<sup>13</sup> Cf. *Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá: crítica filológica e estudos de sexualidades*, por Arivaldo Sacramento de Souza (2014), disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27656>.

<sup>14</sup> Cf. *Em Tempo no palco*, de Chico Ribeiro Neto: edição e estudo do vocabulário político-social, por Isabela Santos de Almeida (2007). TCC apresentado à UNEB.

<sup>15</sup> Cf. *A Dramaturgia de João Augusto: edição crítica de textos produzidos na época da ditadura militar*, disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10824>, e *Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e estudos*, disponível em: <http://www.ppglitcult.letras.ufba.br/en/node/416>, por Ludmila Antunes de Jesus (2008; 2014).

<sup>16</sup> Cf. trabalho a ser publicado em livro pela UNAM, como produto do Pós-Doutorado por Rosa Borges, *Estudo crítico-filológico de QUINCAS BERRO D'ÁGUA, adaptación de João Augusto de la novela de Jorge Amado: reflexiones sobre la práctica editorial* (Propuesta metodológica para la edición de textos teatrales).

<sup>17</sup> Texto estudado por Dâmaris Carneiro dos Santos na dissertação intitulada *História da Paixão do Senhor de João Augusto: estudo crítico-filológico e genético*, apresentada ao PPGLitCult em 2019. Para este texto, dispomos apenas da edição fac-similar.

<sup>18</sup> Cf. *Três fios do bordado de Jurema Penna: leituras filológicas de uma dramaturgia baiana*, disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8395>, e *A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo*

12. Nivalda Costa (1952-2016)	<i>Anatomia das feras</i> <i>Aprender a nadar</i> <i>Casa de cães amestrados</i> <i>Ciropédia ou A iniciação do príncipe, O pequeno príncipe</i> <i>Glub! Estória de um espanto</i> <i>Vegetal vigiado</i> <sup>19</sup>
13. Roberto Athayde (1949)	<i>Apareceu a Margarida</i> <i>Os Desinibidos</i> <sup>20</sup>

Fonte: adaptado de Borges (2019).

Na literatura, destacam-se seis escritores, sendo quatro baianos, um cearense, o Moreira Campos, e um carioca (Cf. Quadro 2) que se fez baiano, João Augusto (apenas uma tentativa de fazer um poema).<sup>21</sup>

Quadro 2 – Relação de escritores e textos editados e estudados

ESCRITORES	TEXTOS EDITADOS E ESTUDADOS
1. Arthur de Salles (1879-1952)	<i>Poemas do Mar</i> <sup>22</sup>
2. Godofredo Filho (1904-1992)	Alguns poemas éditos e inéditos <sup>23</sup>
3. Ildásio Tavares (1940-2010)	<i>Luz Oblíqua</i> (obra inédita) <sup>24</sup>
4. João Augusto (1928-1979)	<i>Manual de Construção</i> (poema inacabado) <sup>25</sup>

*hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna*, disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27557>, por Isabela Santos de Almeida (2011; 2014).

<sup>19</sup> Cf. *Aprender a nada-r* e *Anatomia das feras*, de Nivalda Costa: processo de construção dos textos e edição, disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8528>, e *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço*, de Nivalda Costa: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico, disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>, por Débora de Souza (2012; 2019).

<sup>20</sup> Cf. *O desabrochar de uma flor em tempos de repressão: edição e crítica filológica de Apareceu a Margarida de Roberto Athayde*, disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27767>, e *Filologia e Humanidades Digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde: acervo e edição de Os Desinibidos*, disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29614>, por Fabiana Prudente Correia (2013; 2018).

<sup>21</sup> Em nosso corpus documental, João Augusto atua, sobretudo, como dramaturgo.

<sup>22</sup>Cf. *Poemas do Mar* de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo, por Rosa Borges Santos Carvalho (2002), disponível em: [http://www.textocensura.ufba.br/page\\_rosa.html](http://www.textocensura.ufba.br/page_rosa.html).

<sup>23</sup> Cf. *Edição de alguns poemas éditos e inéditos de Godofredo Filho*, por Marta Maria da Silva Brasil (2006), disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10978>.

<sup>24</sup> Cf. *Luz Oblíqua, obra inédita de Ildásio Tavares: edição crítica e estudo do sujeito poeta*, por Bárbara Cristina de Carvalho Martingil da Silva (2008) – PPGEL (UNEB), disponível em: [https://www.ppgel.uneb.br/.../uploads/2011/09/silva\\_barbara.pdf](https://www.ppgel.uneb.br/.../uploads/2011/09/silva_barbara.pdf).

<sup>25</sup> Cf. *Manual de construção, a arquitetura poética de João Augusto: edição genética e estudo crítico*, por Liliam Carine da Silva Lima (2014), disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27356>.

5. Mady Crusoé (1913-1997)	<i>Pedaços de Vida</i> <sup>26</sup>
6. Moreira Campos (1914-1994)	Contos inéditos <sup>27</sup>

Fonte: elaborado pela autora.

Nos testemunhos que transmitem tais produções artísticas, dramatúrgicas e literárias, vários textos se apresentam e mostram os labirintos da criação, o resultado das interlocuções entre vários sujeitos nas marcas deixadas na materialidade textual e nos documentos que se ligam aos textos examinados, e colocam em evidência uma literatura e uma dramaturgia impactadas pelo contexto social. No que tange aos textos teatrais, maioria em nossos estudos, produzidos no período da ditadura militar (1964-1985), principalmente depois do Ato Institucional n. 5, o AI-5 (13 de dezembro de 1968), passaram pelo crivo da Censura Federal, como também jornais, livros, filmes, sendo modificados em seu processo de transmissão. Palavras, trechos e até textos na íntegra foram censurados, carimbados com a palavra CORTE/CORTES, ou ainda com a inscrição manuscrita “corte/cortes”. Registravam-se, em seus testemunhos, outros carimbos das instituições e órgãos por onde tais textos circularam, como: Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) do Departamento da Polícia Federal (DPF), Superintendência Regional (SR).

Farei, então, algumas considerações a propósito das produções dramatúrgicas do referido período. Elas trazem diferentes orientações do fazer teatro, o **comercial**, esteticista e convencional, o **político**, “com preocupações sociais e políticas”, o **vanguardista**, que “já rompia com os pressupostos realistas e representativos das outras duas direções em favor de uma estilização teatralista, apresentativa” (MACIEL, 2005, p. 106). Também podemos afirmar que a década de 1970, apesar da severa ação da censura aos textos e espetáculos teatrais, foi um período de grande criatividade pelo que observamos nos textos estudados. Os dramaturgos, aqui mencionados, experimentaram diversas formas de teatro: aproximaram-se do povo, fazendo o teatro de rua, driblaram, por muitas vezes, a censura, levaram mensagens que pudessem provocar a reflexão por parte do público, discutiram questões morais, filosóficas, sociais, políticas, religiosas. Alguns faziam uma dramaturgia militante, outros produziam um teatro para sustentar o próprio teatro na crise, e assim cumpriram seu papel naquele cenário de muitas limitações e dificuldades.

Alguns dos textos que circularam à época, como *As Artes do Crionlo Doido*, de João Augusto, e *“Em Tempo” no palco*, de Francisco Ribeiro Neto (Chico Ribeiro), por exemplo, trazem explicitamente alguns dos temas condenados pelo regime ditatorial. No primeiro, a temática desenvolvida ressalta questões políticas, ideológicas, religiosas e morais (MATTOS; BORGES, 2020). No segundo, cada cena explora um aspecto da sociedade brasileira, a saber: terras, trabalho, greves, educação, ataques [de grupos terroristas] aos jornais, torturas, exilados (ALMEIDA, 2007). Outro texto, desta vez, de Deolindo

<sup>26</sup> Cf. *Os manuscritos de Pedacos de vida, de Mady Crusoé: edição e estudo crítico e genético*, por Ionã Scarante (2016/2018), disponível em: <http://www.ppglitcult.lettras.ufba.br/pt-br/node/476>.

<sup>27</sup> Cf. *Nas sendas da criação literária de Moreira Campos: edição genética e estudo crítico-filológico de contos inéditos do autor*, por Elisabete Alencar Lima (2016), disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26444>.

Checucci, *A Roupas nova do Rei*, apesar de ser uma peça destinada ao público infantil, na prática, sua mensagem alcançava os adultos. Em entrevista concedida à Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), Checucci (2006, informação verbal apud FAGUNDES, 2019, p. 62) nos falou que

[...] A roupa nova do rei, uma peça pra [...] criança, que é um clássico da literatura infanto-juvenil, e naturalmente, que eu contextualizei o espetáculo dentro de uma realidade [que] era nossa, né? O rei era um militar, [...] o pai vivia sob uma ditadura, e houve esse problema [...] tivemos cortes [...].

Os dramaturgos traziam para os textos de suas peças teatrais a realidade vivenciada, questões políticas e sociais relevantes, mesmo levando em conta que os textos seriam submetidos ao exame censório e que retornariam dos órgãos censórios repletos de marcas deixadas pelos censores, os cortes. Estes, justificados por sua natureza, moral, social, política e religiosa (COSTA, 2006; 2008), expostos nos pareceres produzidos, na ficha de protocolo e no certificado de censura, a partir da indicação das folhas nas quais se registravam. Os textos dramáticos poderiam ser liberados para encenação, conforme faixa etária, 12, 14, 16 e 18 anos, ou vetados integralmente (FAGUNDES, 1974).

Na matéria de jornal, datada de 16 fevereiro de 1976, assinada por João Augusto, podemos notar uma crítica ao momento político vivido: “[...] olha, olha a palhaçada que nos rodeia”, e ainda uma diferença entre o **texto da peça** e o **texto do espetáculo** e as consequências da ação censória em relação a eles. Escreveu João Augusto ([*A Tarde*], [16 fev. 1976], grifos do autor):

[...] O **Quincas** ria escondido. O tempo passado. Até que um dia ele não resistiu: assoviou matreiro no meio da noite dentro do quarto. Resolvi rler. Que tal uma nova adaptação? **Quincas** sorriu. Sou lá aleijado pra ficar aqui? Me soprou no ouvido: o brasileiro pode dispensar o pão, mas não dispensa o circo. Além disso, olha, olha a palhaçada que nos rodeia. Vamos, anda – raia o sol, suspenda a lua, eu como palhaço vou estar **na tua**. Concordei. Afinal nossa forma de arte popular está mesmo no circo, na revista, na chanchada, na verborragia do baiano – e na violência de tudo que nos cerca. Na violência do cotidiano, da realidade (cada vez mais relegada) e do nosso inconsciente. **Quincas** foi taxativo: é isso que a gente tem de devorar e esculhambar. [...] Juntos – eu e o **Quincas** – fizemos um texto – o da peça. O outro texto, o que será lido pelo público, o **texto do espetáculo**, começamos – o elenco e eu a preparar, dia a dia. Estamos ainda escrevendo. E apesar do trabalho começar agora a ser mostrado ao público – ele não está **acabado**, pronto, embalado para consumo. Não está e – se tudo der certo – até o último dia do espetáculo, não estará acabado. Depende muito do elenco.

O outro texto, o texto da peça (o que sofre perseguição e cortes) o texto-palavra sabe que não se realiza sozinho. Nunca se realizou. E hoje – mais do que nunca: desde 64 a dramaturgia brasileira foi substituída pelo **espetáculo**. [...].

Nivalda Costa também nos falou, em entrevista, a propósito de produzir na época da ditadura:

[...] houve um período em que eu estava realmente escrevendo, [...] [apesar d]esses limites. [N]uma estrutura política, eles tiram algum processo criativo das pessoas, [...] na América

Latina e sobretudo no Brasil, em que pensar era quase um sacrilégio, [...], você pensar diferente do seu padrão, do estado, aquilo poderia significar muitas coisas [...]. Então eu questionava [...] formas de poder, eu questionava formas de domínio em relação ao ser humano [...], então, eu criei esta série de relação sobre poder e espaço, e isso até foi uma coisa assim que quase que natural, quando eu vi, eu tinha construído dois textos que [...] ideologicamente estavam ligados àquilo de fato, [...] eu continuei a construir, e [...] fui esgotando [...], fui escrevendo diante disso (COSTA, 2010, informação verbal apud SOUZA, 2019, p.244).

A dramaturgia mencionada e os depoimentos, aqui citados, nos permitem entender melhor o que significou fazer teatro em um período tão conturbado de nossa história. Dar acesso a esses textos, através da prática filológica editorial, aos leitores/navegadores de hoje, é uma forma de nos tornarmos cientes da postura que assumimos como sujeitos críticos que atuam no mundo, provocando reflexões, construindo saberes que devem ser compartilhados, a partir das leituras ativas, éticas e políticas que produzimos.

### 3 A CRÍTICA TEXTUAL E A LEITURA FILOLÓGICA

Voltemos à crítica textual, que, em sua prática, vai ocupar-se de dar a conhecer o processo de transmissão do texto, proporcionando informações sobre a história do texto e de sua recepção ao longo do tempo. Embora epistemologicamente a Filologia e a Literatura sempre estivessem ligadas (TELLES, 2016[2005]), no século XXI, alguns estudiosos tiveram de reivindicar um lugar para a Filologia nos estudos da obra literária, pois analisar e interpretar uma obra passa pela leitura filológica do texto antes de qualquer outra investigação, sendo tal leitura, ativa, crítica e política, “[...] o ato indispensável, o gesto inicial sem o qual qualquer filologia é simplesmente impossível” (SAID, 2007[2004], p. 83).

Segundo Said (2007, p. 85), a leitura envolve o humanista contemporâneo em dois movimentos: **recepção** (submete-se aos textos e os trata provisoriamente) e **resistência** (busca elucidar as estruturas em que os textos existem, a partir de “algumas formulações históricas e sociais de seu contexto” (crítica)). Desse modo, “[...] uma leitura minuciosa de um texto literário – um romance, poema, ensaio ou drama [...] – localizará gradativamente o texto no seu tempo como parte de uma rede de relações, cujos contornos e influência desempenham papel formador *no* texto” (SAID, 2007[2004], p. 85, grifo do autor).

A leitura seria, então, “o ato de primeiro colocar-se na posição de autor [...]”, fazendo um esforço “para adentrar [...] na sua linguagem, para compreender por que ele [o escritor] se expressou dessa maneira particular, compreender a linguagem assim como foi feita” (SAID, 2007, p. 85-86), enfim, tomar em conta as decisões e escolhas que um escritor realiza na construção de seu texto, pois seus escritos “estão localizados numa série de estruturas derivadas da tradição, da transmissão e variação dos textos, bem como das leituras e interpretações acumuladas [...]”, sendo “igualmente importantes os contextos sociais[,] [...] situados entre os domínios estético e histórico” (SAID, 2007[2004], p. 99).

Gumbrecht (2007[2003]) formula a tese de que o editor assume dois papéis na prática da edição de textos: papéis de autor e papéis de editor. As tarefas filológicas pressupõem um processo de escolhas em vários níveis e, como enfatiza Gumbrecht (2007[2003], p. 40), “[...] el sujeto-editor también se constituye él mismo en estos múltiples actos de elección, pues elegir entre una variedad de elementos es exactamente lo que puede llamarse ‘producción de sentido’ [...]”<sup>28</sup>. Tal papel de editor pressupõe um hipotético papel de autor, além de conter múltiplos papéis de leitor, no exercício da mediação editorial, afirma Gumbrecht (2007[2003]). Nessa perspectiva, assumimos o lugar de intérprete na prática filológica (SACRAMENTO DE SOUZA, 2016), desempenhando os papéis de editor, autor e leitor.

A leitura filológica é, portanto, uma ética, um modo de participação ativa e deliberada na esfera mundana textual, política, cultural, que situa necessariamente o crítico em relação às circunstâncias de produção de suas intervenções e o coloca em um campo aberto em que não há estabilidade previamente constituída para o empreendimento interpretativo. Assim, ao crítico cabe apenas uma ‘profunda percepção subjetiva, para a qual não é possível nenhum substituto, nenhum livro guia ou fonte autorizada. Deve-se tomar a decisão por si mesmo e assumir a responsabilidade por ela’ (SAID, 2007: 89). Isso não significa que não se deve usar nenhuma metodologia de pesquisa, ou que se deve rejeitar qualquer corpo de procedimentos organizado em busca de um objetivo. O que Said propõe é que qualquer escolha metodológica deve ser vista como tal: uma tomada de posição, uma interposição na esfera pública agônica da interpretação e não como um investimento desencarnado de produção de resultados (SACRAMENTO; SANTOS, 2017, p. 135).

Na leitura filológica, consideramos para além dos textos que transmitem a obra (tradição direta), os prototextos e paratextos (tradição indireta). Interessa-nos, desse modo, narrar a história do texto, construída a partir da trama do tecido textual e dos elementos que fazem uma rede de conexões entre todos os agentes que atuam nos processos de produção, circulação e recepção dos textos. Ao longo do nosso trabalho no Grupo de Edição e Estudo de Textos, buscamos investir na relação entre Filologia, Arquivística e Informática para montagem dos dossiês arquivístico e/ou genético, dando sustentação às atividades de edição e crítica filológica.

Estamos, pois, nos estudos filológicos, movendo-nos entre a crítica textual, a crítica genética/crítica de processo, a história do livro e da edição e uma sociologia das práticas de leitura, na perspectiva da história cultural, levando-se em conta, segundo Chartier (1992, p. I), três tipos de indagação:

el análisis de textos, descifrados en sus estructuras, motivos y objetivo; el estudio de los objetos impresos, de su distribución, de su fabricación, de sus formas; la historia de las prácticas que, al tomar contacto con lo escrito, le conceden una significación particular a los textos y a las imágenes que estos llevan.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> “[...] o próprio sujeito-editor também se constitui nesses múltiplos atos de escolha, pois escolher entre uma variedade de elementos é exatamente o que se pode chamar de ‘produção de sentido’ [...]” (GUMBRECHT, 2007[2003], p. 40, tradução livre).

<sup>29</sup> “a análise de textos, decifrado em suas estruturas, motivos e objetivo; o estudo dos objetos impressos, de sua distribuição, de sua fabricação, de suas formas; a história das práticas que, ao tomar contato com o

Nesse sentido, considerando as transformações havidas na teoria e prática filológicas, querer fazer hoje uma edição que seja portadora de um texto definitivo, único, não parece muito interessante, diante dos múltiplos textos que circulam no mercado editorial, nas oficinas dos escritores, entre amigos e parentes, produtos de tecnologias variadas, enfim, como assegura McKenzie (2005[1999], p. 20): “[c]ada versión reclama su derecho a ser editada a su propia manera, respetando su historicidad como tal realidad concreta”.<sup>30</sup> Embora nas edições convencionais, os demais testemunhos relativos ao texto editado sejam expostos de forma sinóptica no aparato crítico, trazendo ali a história do texto, como fiz em minha tese, ao realizar a edição crítico-genética dos *Poemas do Mar* de Arthur de Salles, uma edição eletrônica adequa-se melhor ao trabalho filológico que contempla a variabilidade e a multiplicidade de textos por meio de uma hiperedição ou de um arquivo hipertextual, dispondo, então, de diversos modelos editoriais nesse formato, propiciando leituras diversificadas ao modo de cada leitor, seja ele especializado ou não.

Entendemos com clareza o que se passa na prática editorial filológica contemporânea, quando lemos o que escreveu Sacramento de Souza (2020, p. 58) a propósito da leitura crítica da transmissão textual de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto:

[...] cada texto traz lições que não necessariamente competem entre si sob o arbítrio do editor, mas conformam um projeto sociológico de leitura. Isso proporciona a produção de uma outra agenda crítica que lide com as temporalidades e revise o paradigma a partir do qual alguém pode ler.

Assim procedemos nos estudos críticos e edições que empreendemos em nosso Grupo de Pesquisa, partindo de uma dimensão histórica e dinâmica para análise dos textos que considera “[...] gracias la movilidad de sus formas, [que] los textos son susceptibles de nuevos usos y de reinterpretaciones por los diferentes públicos que los reciben, o que inventan” (CHARTIER, 2005, *in* MCKENZIE, 2005[1999], p. 15).<sup>31</sup> A leitura, desse modo, norteia toda a ação do filólogo, editor e intérprete.

Preparamos edições e crítica filológica dos textos que examinamos. Trouxemos ao leitor/navegador de hoje os textos que circularam em outra época e sob condições diversas. Ampliamos nossa rede de relações com outros saberes para poder contemplar nossas ações em conformidade com nossos interesses na contemporaneidade. No campo das Humanidades Digitais, no que tange à literatura, vimos que especialistas têm buscado realizar uma base de dados de obras, autores ou gêneros, edições, ou ainda criado

---

escrito, lhe concedem uma significação particular aos textos e às imagens que estes portam.” (CHARTIER, 1992, p. I, tradução livre).

<sup>30</sup> “[c]ada versión reivindica o direito de ser editada à sua maneira, respeitando sua historicidade como realidade concreta.” (McKENZIE, 2005[1999], p. 20, tradução livre).

<sup>31</sup> “[...] graças à mobilidade de suas formas, [que] os textos são suscetíveis a novos usos e reinterpretações pelos diferentes públicos que os recebem ou os inventam” (CHARTIER, 2005, *in* MCKENZIE, 2005 [1999], p. 15, tradução livre).

bibliotecas digitais com determinado *corpus*, disponibilizando edições fac-similares digitais ou outras edições construídas pelos filólogos-editores para conhecimento e acesso público. Nesse lugar, também nos incluímos, sobretudo considerando os trabalhos daqueles que realizaram as edições digitais/eletrônicas, por meio de um arquivo hipertextual ou uma hiperedição.

No entanto, é preciso envolver mais pesquisadores na criação e manutenção das edições digitais, transcrição de documentos, objetivando contribuir para a difusão e conservação do nosso patrimônio cultural escrito, dramático e literário, colaborando com a construção de uma identidade cultural para tratarmos de uma história da dramaturgia e da literatura baiana e brasileira, recortada, delineada pelo trabalho filológico. Em relação às edições dos textos dramáticos, os trabalhos realizados em nosso Grupo de Pesquisa dão conta do panorama editorial atual e traz uma visão dinâmica do texto dentro da investigação.

A necessidade de contar com as obras de nossos escritores para a construção da história de uma literatura nacional inscreve-se como propósito da crítica textual, porém, como podemos observar, em linhas gerais, tal prática não tem o devido reconhecimento até mesmo dentro do ambiente acadêmico, por vezes (CLARK DE LARA, 2020). Mesmo assim, continuamos com nosso intento de trazer para o cenário atual a literatura e dramaturgia produzidas em um determinado tempo e lugar, comprometidos com nossa história e cultura, pelo viés do que Clark de Lara, em vários de seus trabalhos, chamou de filologia literária.

Dentre as várias definições apresentadas para a Filologia, Clark de Lara (2003) destaca a que traz Vittore Branca, em *La filologia e la critica letteraria*, como sendo a melhor. Segundo Branca (1977, p. 93, nota 2), Filologia é:

[...] quella disciplina che comprende fundamentalmente l'ecdotica (cioè il recupero dell'esatto testo di un'opera mediante procedimenti scientifici) e l'ermeneutica (cioè quel corredo storico, linguistico, esegetico che consente una piena e rigorosa interpretazione di quel testo e che ne condiziona anche le valutazioni ideologiche, sociali, estetiche)<sup>32</sup>.

Tal posição nos leva a pensar sobre tradição, interpretação e história do texto nos estudos filológicos, pois cada tradição literária traz novos desafios ao filólogo-editor a partir das especificidades de cada testemunho. Assim, teríamos como objetivo da crítica textual estudar a transmissão dos textos segundo se representa em seus diversos testemunhos, investigados em sua complexidade, para produzir as edições críticas de textos que marcam nossa produção literária e dramática, “[...] como una necesidad que retroalimentará la crítica y la historiografía literaria [...]” (HIGASHI, 2013, p. 35).<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> “[...] aquela disciplina que compreende fundamentalmente a ecdótica (isto é, a recuperação do texto exato de uma obra mediante procedimentos científicos) e a hermenêutica (ou seja, o aparato histórico, linguístico, exegetico que permite uma plena e rigorosa interpretação daquele texto e que também condiciona as avaliações ideológicas, sociais, estéticas)” (BRANCA, 1977, p.93, nota 2, tradução livre).

<sup>33</sup> “[...] como una necesidad que vai retroalimentar a crítica literária e a historiografía [...]” (HIGASHI, 2013, p. 35, tradução livre).

Tradição textual e história nacional envolvem várias histórias, cultural, social, política e tecnológica. Desse modo, considerando as idiossincrasias de cada testemunho, interessa observar, no percurso de transmissão das obras literárias, a tradição textual, "*conjunto de prácticas de transmisión de una obra literaria*" (HIGASHI, 2013, p. 111, grifo do autor)<sup>34</sup>, que envolve ainda hábitos de autor, hábitos de impressor, hábitos de leitor (HIGASHI, 2013). "*Así, toda práctica de transmisión encuentra cabida en una forma particular de proceder de acuerdo con la naturaleza de sus testimonios y con los modos en los que dichos testimonios se relacionan entre sí.*" (HIGASHI, 2013, p.113, grifo do autor).<sup>35</sup> Atento a tais aspectos, o filólogo realiza as atividades de edição e leitura crítico-filológica.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filólogo na contemporaneidade, orientado por uma metodologia que se ajusta e se transforma conforme situação textual examinada, formas de transmissão dos textos (manuscrito, impresso e digital), tendências editoriais, em suas vertentes teleológica e pragmática, mudança de paradigma, atua como intérprete do texto que fará circular em outro tempo e lugar. As atividades filológicas possibilitam o estudo do texto a partir das coordenadas históricas materializadas na tradição e recepção do texto que se busca editar. Como vimos, ao longo do texto, nosso trabalho está cada vez mais conectado numa rede de interação de saberes necessários e imprescindíveis para a produção de uma leitura crítica e construção de uma literatura e dramaturgia baiana e brasileira, através da edição crítica de textos.

O labor filológico permite-nos colaborar, assim, com a teoria e historiografia literária, com a crítica genética, e, em especial, com o teatro, nos estudos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Edição e Estudo de Textos, Equipe Textos Teatrais Censurados. Aqui nos posicionamos como filólogos, editores e intérpretes, de forma crítica e política, preparando a edição e crítica filológica dos textos selecionados e os apresentando à comunidade acadêmica e, de certa forma, ao público em geral, através dos trabalhos realizados.

Por meio da práxis filológica, falamos de literatura e teatro, a partir dos textos editados, trazendo à cena escritores/dramaturgos que produziram no contexto da ditadura militar no Brasil e suas produções, ao tempo em que exploramos questões sociais, políticas, históricas, de gênero, aspectos linguísticos, literários, entre outros. Também estudamos textos de outros tempos e autores, como se pode notar nos quadros apresentados anteriormente (Quadros 1 e 2). Como sujeitos do mundo, em perspectiva humanista (SAID, 2007[2004]), não podemos ignorar as práticas sociais, políticas e culturais que engendram textos e obras em seus processos de produção, circulação e recepção, e que conformam a história cultural de um país em seus diferentes períodos.

<sup>34</sup> "*conjunto de prácticas de transmisión de una obra literaria*" (HIGASHI, 2013, p. 111, tradução livre).

<sup>35</sup> "*Assim, toda práctica de transmisión encontra seu lugar em una forma particular de proceder, de acordo com a natureza de seus testemunhos e as formas como esses testemunhos se relacionam entre si*". (HIGASHI, 2013, p.113, tradução livre).

No que tange aos textos teatrais, observamos, nos trabalhos desenvolvidos, que, em muitos dos casos, a Censura imprimiu o modo de escrever e fazer teatro sob as condições daquele contexto de repressão, deixando nos textos rasuras literais e simbólicas. Na condição de filólogos, estamos sempre atentos a este e a outros aspectos que envolvem a transmissão textual, ao texto em movimento, marcado pelas mãos do autor/escritor, pelas ações interventivas de vários sujeitos em sua materialidade, por uma pluralidade de vozes que se manifestam nas citações, nos registros de intertextualidade ou ainda de intratextualidade, com vistas ao exercício da crítica filológica para a produção da edição e leitura crítica dos textos dos quais nos ocupamos em nossa investigação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabela Santos de. *“Em Tempo” no palco, de Chico Ribeiro Neto: edição e estudo do vocabulário político-social*. 2007. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2007.

AUGUSTO, João. Quincas Berro d'Água – Re-lance. [*A Tarde*], Salvador: [16 fev. 1976]. Coluna Teatro. Recorte de jornal. Acervo do Teatro Vila Velha: *Nós, por exemplo* – Centro de Documentação e Memória.

BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

BORGES, Rosa. Diálogos entre Filologia e Arquivística: acervos de dramaturgos baianos. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 23., 2019, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFil, v. 23, n. 3. p.180-195, 2019b. Disponível em: [www.filologia.org.br/xxiii\\_cnlf/cnlf/tomo01/14.pdf](http://www.filologia.org.br/xxiii_cnlf/cnlf/tomo01/14.pdf). Acesso em: 20 out. 2019.

BORGES, Rosa. Uma metodologia para a edição de textos do século XX. In: *Revista Philologus*, ano 26, n. 76, p. 788-806. Rio de Janeiro: CiFEFil, jan./abr.2020. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/76supl.html>. Acesso em: 19 ago. 2020.

BORGES, Rosa; SACRAMENTO DE SOUZA, Arivaldo. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

BRANCA, Vittore. *La filologia e la critica letteraria*. Milano: Rizzoli, 1977.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHARTIER, Roger. *El mundo como representación: estudios sobre historia cultural*. Tradução Claudia Ferrari. Barcelona: Gedisa, 1992.

CHARTIER, Roger. Un humanista entre dos mundos: Don McKenzie. [Prólogo]. In: MCKENZIE, D. F.. *Bibliografía y sociología de los textos*. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005[1999]. p. 5-18.

CLARK DE LARA, Belem. De la filología literaria a la historia de la literatura. In: SOUZA, Risonete Batista de et al. (orgs.). *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. Salvador: Memória & Arte, 2020. p. 233-264. Disponível em: [https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/33823c\\_ea038dd530d541d3a28925a232e0fca7.pdf](https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/33823c_ea038dd530d541d3a28925a232e0fca7.pdf).

Acesso em: 19 ago. 2020.

CLARK DE LARA, Belem. Filología Literaria e Historia. In: RUEDAS DE LA SERNA, Jorge (org.). *História e Literatura: Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Imprensa Oficial SP; Memorial; Editora da UNICAMP, 2003. p. 115-141.

CORREIA, Fabiana Prudente. *Filologia e Humanidades digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde: acervo e edição de Os Desinibidos*. 2018. 362f. + volume digital. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29614>. Acesso em: 25 maio 2019.

COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). *Censura, repressão e resistência no teatro brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Censura em cena: teatro e censura no Brasil: arquivo Miroel Silveira*. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

FAGUNDES, Coriolano de Loyola Cabral. *Censura e liberdade de expressão*. São Paulo: Edital, 1974.

FAGUNDES, Carla Cecí R.. *Deolindo Checcucci e o teatro infantil baiano no contexto da ditadura militar: arquivo, edição e estudo crítico-filológico*. 2019. 307f. + volume digital. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Los poderes de la filología: dinámicas de una práctica académica del texto*. Tradução Aldo Mazzucchelli. México: Universidad Iberoamericana, 2007[2003].

HIGASHI, Alejandro. *Perfiles para una ecdótica nacional: crítica textual de obras mexicanas de los siglos XIX y XX*. México: UNAM; UAM, 2013.

KASTAN, D. S. *Shakespeare and the book*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LOURENÇO, Isabel. *The William Blake Archive: da gravura iluminada à edição eletrônica*. 2009. 490 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Programa de Pós-Graduação em Língua e literaturas Modernas, Coimbra. Disponível em: [www.dominiopublico.com.br](http://www.dominiopublico.com.br). Acesso em: 02 set. 2011.

MACIEL, Luiz Carlos. Teatro anos 70. In: *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2005. p. 105-109. Vários autores.

MACNEIL, Heather. Decifrando e interpretando os fundos arquivísticos e suas partes: uma análise comparativa da crítica textual e da teoria do arranjo arquivístico. In: GILLILAND, Anne J.; MCKEMMISH, Sue; LAW, Andrew J. (orgs.). *Pesquisa no multiverso arquivístico*. Tradução Ana Cristina Rodrigues. Salvador: 9Bravos, 2019, p. 151-173.

MARCUS, Leah S. *Unediting the Renaissance: Shakespeare, Marlowe e Milton*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1996.

MATOS, Emille Morgana Santos; BORGES, Rosa. Por uma leitura filológica de *As artes do Crioulo Doido* de João Augusto. In: SOUZA, Risonete Batista de et al. (orgs.). *Anais do IX SEF: Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. Salvador: Memória & Arte, 2020. p. 222-235.

Disponível em: [https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/33823c\\_13323250e2634aa9a53a2e7959c96dce.pdf](https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/33823c_13323250e2634aa9a53a2e7959c96dce.pdf).

Acesso em: 19 ago. 2020.

MCGANN, Jerome J.. *A Critique of Modern Textual Criticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1992[1983].

MCKENZIE, D. F. *Bibliografía y sociología de los textos*. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005[1999].

MCKENZIE, Donald F. *Bibliography and the Sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999 [1985].

RAMÍREZ, Israel. Genética y crítica textuales en la edición de obras contemporáneas. In: CLARK DE LARA, Belem et al. *Crítica textual: un enfoque multidisciplinario para la edición de textos*. México: El Colegio de México; Universidad Nacional Autónoma de México; Universidad Autónoma Metropolitana, 2009. p. 209-231. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv6mtc1g.20>. Acesso em: 19 nov. 2019.

SACRAMENTO, Arivaldo; SANTOS, Lucas de J. A Filologia como ética de leitura. *Revista da ABRALIN*, v. 16, n.2, p. 129-168, jan. fev. mar. abril de 2017. <http://revistas.ufpr.br/abralin/issue/view/2321>.

SACRAMENTO DE SOUZA, Arivaldo. Algumas considerações acerca da filologia do processo: a crítica filológica na Bahia. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 20., 2016, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF: CiFEFil*, v. 20, n. 5, p. 115-124, 2016. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xx\\_cnlf/cnlf/cnlf\\_05/008.pdf](http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_05/008.pdf). Acesso em: 19 ago. 2020.

SACRAMENTO DE SOUZA, Arivaldo. *Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá: crítica filológica e estudo de sexualidades*. 2014. 358 f. + DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27656>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SACRAMENTO DE SOUZA, Arivaldo. Quais são as Claras dos Anjos de Lima Barreto? Sobre crítica textual, crítica literária e decolonialidade filológica. In: SOUZA, Risonete Batista de et al. (orgs.). *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. Salvador: Memória & Arte, 2020. p. 48-67. Disponível em: [https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/33823c\\_ea038dd530d541d3a28925a232e0fca7.pdf](https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/33823c_ea038dd530d541d3a28925a232e0fca7.pdf). Acesso em: 19 ago. 2020.

SAID, Edward. O regresso à filologia. In:\_\_\_\_\_. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007[2004]. p. 80-109.

SANTOS, Rosa Borges dos. (org.). *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a Literatura, a História e o Teatro*. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26433>. Acesso em: 13 jul. 2018.

SOL TLACHI, Carlomagno. Notas para una edición crítica de *Zozobra* de Ramón López Velarde. In: CLARK DE LARA, Belem et al. *Crítica textual: un enfoque multidisciplinario para la edición de textos*. México: El Colegio de México; Universidad Nacional Autónoma de México; Universidad Autónoma Metropolitana, 2009. p. 141-153. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv6mtc1g.15>. Acesso em: 19 nov. 2019.

SOUZA, Débora de. *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico*. 2019. 443f + volume digital. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>. Acesso em: 20 jul. 2019.

TELLES, Célia Marques. Filologia e Literatura. *In*: ALMEIDA, Ariadne Domingues et al. (Org.). *Estudos Filológicos: Linguística Românica e Crítica Textual*. Salvador: EDUFBA, 2016[2005]. p. 272-283.